

ENTREVISTA

**A MEDIAÇÃO DAS TIC'S NO ENSINO E APRENDIZAGEM
E UM NOVO TEMPO PARA ESCOLA****Entrevista com a Profª Drª Milena Ferreira Hygino Nunes**Jacqueline da Silva Deolindo¹

A pandemia de Covid-19 impôs uma série de adaptações às escolas, aos cursos livres e à universidade em todo o mundo. De repente, gestores, professores, técnicos e estudantes de todos os níveis da educação viram-se dependentes das novas tecnologias da informação e da comunicação, que já atravessavam o ensino-aprendizagem, mas não de modo compulsório. Diversos especialistas consideram que os processos educativos nunca mais serão os mesmos e discutem também a sobrecarga de trabalho dos profissionais em atividade remota, o letramento digital de estudantes de todas as idades, o superestímulo e o déficit de atenção dos



Milena Hygino sobre as novas práticas pedagógicas: "é preciso pensar a realidade e, a partir dela, ver o que cabe, o que é possível ser feito, reformulado, adaptado. Não é mudar por mudar. É preciso haver um objetivo maior, levar em consideração as necessidades dos sujeitos e o contexto social." (Foto: arquivo pessoal)

¹ Mestre e doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Jornalista pelo Centro Universitário Fluminense (UNIFLU), instituição onde também exerce o magistério e atualmente coordena a Pesquisa e a Extensão. Também no UNIFLU, foi coordenadora do curso de Pós-graduação Lato Sensu em Mídias e Novas Tecnologias no Ambiente Escolar (2019-2020). Editora da Revista Multidisciplinar. Professora do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3185355993455315> E-mail: jacquelineolindo@gmail.com

discentes devido ao excesso de exposição à tela e a questão da falta de acesso digital que exclui milhões de pessoas.

Nesta entrevista, esses e outros pontos serão discutidos pela Prof^a Milena Ferreira Hygino Nunes, que é pós-doutora (2021), doutora (2019) e mestra (2014) em Cognição e Linguagem, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e especialista (2014) em Literatura, Memória Cultural e Sociedade, pelo Instituto Federal Fluminense (IFF). Como graduação, ela realizou estudos em três áreas, que faz convergir em suas atuais atividades acadêmicas: fez licenciatura em Letras (Português/Literatura) (2015), pela Universidade Salgado de Oliveira (Universo); graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (2010), pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); e curso superior de complementação de estudos em Antropologia da Arte e Cultura (2010), também pela PUC-Rio.

Prof^a Milena Hygino, atualmente, é professora do Mestrado Profissional em Ensino e suas Tecnologias (MPET), no Instituto Federal Fluminense, mas também atua em outros níveis de ensino: é professora de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual, do Ensino Fundamental II à Nova Educação de Jovens e Adultos, na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro; é professora de Língua Portuguesa e Produção Textual do Ensino Fundamental II, na Secretaria Municipal de Educação de Quissamã; e é tutora à distância da disciplina Literatura na Formação do Leitor, no curso de Pedagogia da UENF (consórcio Cederj). Tudo isso, além de compor o banco de avaliadores-BASIS/INEP/MEC.

Suas principais áreas de interesse são Análise do Discurso; Teoria e Ética do Jornalismo; Tecnologias de Informação e Comunicação e Estudos de Língua e Literatura.²

MULTIDISCIPLINAR – Sua formação e seu atual exercício no magistério te permitem duas experiências muito distintas: na educação básica e na educação superior, em nível de pós-graduação. Que diferenças e semelhanças a senhora percebe entre seus alunos nesse período de ensino remoto e de discrepantes níveis de acesso à tecnologia e letramento digital?

² Currículo completo da entrevistada disponível em <http://lattes.cnpq.br/2582879473811702>. E-mail: milena.hygino@gmail.com

PROFESSORA MILENA HYGINO – Por atuar em níveis de ensino tão diversos, a principal diferença que vejo entre os alunos é o maior grau de maturidade e comprometimento dos que estão no nível superior, em relação aos alunos do ensino fundamental e do ensino médio. Isso faz toda a diferença na dinâmica de ensino. Mas a culpa não é dos alunos mais novos. Eles não têm idade e não foram preparados para o ensino que tem sido classificado como remoto, mas, na verdade, tem sido EAD, porque as aulas são assíncronas, com material postado na plataforma para o aluno ler/ouvir/assistir e entregar atividades com data marcada. Que maturidade um aluno da educação básica tem para isso? Sabemos também que, geralmente, os alunos da educação pública superior têm melhores condições financeiras do que os alunos da educação pública básica. Isso interfere no acesso à internet e a dispositivos eletrônicos, usados nas aulas remotas. Isso é uma diferença entre os níveis de escolaridade, mas uma semelhança entre seus pares.

Dentre as semelhanças entre os alunos nesse período de ensino remoto, destaco a dificuldade de participação nas aulas como a maior delas, por três motivos principais: a falta de acesso (por falta de dispositivo e/ou internet), o analfabetismo funcional digital e o emocional abalado – os dois primeiros mais voltados à educação básica; o último, comum a todos os níveis de ensino. Dados de pesquisas feitas pelo IBGE e pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil nos mostram, há tempo, que o número de pessoas com acesso à internet e a dispositivos eletrônicos tem crescido exponencialmente, a cada ano. Mas que internet é essa? O pacote de dados dura o mês inteiro de aulas? E os dispositivos eletrônicos têm capacidade para armazenar material de todas as aulas, de todas as disciplinas? Fora o absurdo de ter que estudar por uma telinha de celular... E a maioria dos alunos - *experts* em redes sociais digitais, jogos *on-line* e aplicativos de música - não sabem gerenciar um e-mail, entregar a atividade na plataforma e participar do chat da aula. No ensino remoto, os dados animadores caíram por terra e vimos o fosso digital que a maioria dos brasileiros está. Mas, apesar de tudo, acredito que avançamos. Não da maneira que deveria ser (com planejamento, formação etc.), mas avançamos. O terceiro motivo para a dificuldade de participação nas aulas que vejo como semelhança entre os alunos e que não posso deixar de citar é o emocional abalado (por perdas de familiares, por sobrecarga de estudo e/ou trabalho, por perda de emprego etc.). A pandemia mexeu muito emocionalmente/psicologicamente com todos, de diferentes maneiras.

MULTIDISCIPLINAR – Essas experiências influenciaram de algum modo na escolha de seu tema de pesquisa de pós-doutorado, “Educação midiática no âmbito acadêmico: uma contribuição para a cidadania digital, na era da desordem informacional”?

PROFESSORA MILENA HYGINO – Sim, mas não só. A minha formação em Jornalismo me fez ter olhos mais atentos para as notícias e, no geral, para o que é compartilhado na internet e nas redes sociais digitais, meios pelos quais cada vez mais as pessoas se informam, se relacionam etc. Essas redes, por alguns motivos, intencionalmente, tornaram-se espaços de desinformação, onde qualquer um está sujeito a seus meandros. Já vi familiares, amigos, alunos sofrendo com isso e, a cada vez que acontecia, me impactava de uma tal maneira que me fazia pensar em como eu poderia colaborar, de forma efetiva e maior, contra... Quando foi oportuno, no pós-doc, eu propus esse projeto de pesquisa.

MULTIDISCIPLINAR – Paulo Freire já falava em mídia e educação, mas, há até pouco tempo, apesar de termos o rádio, a TV, os impressos e, agora, internet e as redes sociais atravessando nosso cotidiano e sendo, talvez, uma das mais influentes formas de aquisição de conhecimento sobre o que acontece no mundo, parece que não discutíamos devidamente a relação mídia-educação-cidadania. Com todas as ressalvas para a diferença entre senso comum e conhecimento crítico, como, a seu ver, a mídia pode de fato se aliar à educação, e vice-versa, e que resultados seriam esperados?

PROFESSORA MILENA HYGINO – Sabemos da presença e da influência da mídia em vários âmbitos da sociedade e não seria (ou não deveria ser) diferente na educação, porque, a meu ver, quanto mais a educação for próxima da realidade, contextualizada, considerando o sujeito-aluno (“teoricamente” nativo digital, imerso na cibercultura) e seus hábitos, maior será a probabilidade de êxito no processo de ensino-aprendizagem e o alcance de um dos objetivos precípuos da educação que, a meu ver, é ajudar o aluno para viver em sociedade, a pensar criticamente, a se posicionar respeitando o outro etc. Inevitavelmente, isso exige a aliança entre mídia e educação, envolvendo questões da cultura digital e das Tecnologias de Informação e

Comunicação e suas implicações educacionais, sociais, culturais, comunicacionais, econômicas, políticas e ideológicas. É importante frisar que essa aliança deve ir muito além de resultados de “instrumentalização”, alcançando a apropriação das mídias e a formação crítica e criativa, agregando valor e sentido social.

MULTIDISCIPLINAR – Um ponto muito interessante que vemos na descrição de uma de suas linhas de pesquisa é aquele que diz que o estudo das Novas Tecnologias da Informação é interdisciplinar e implica variações no uso da linguagem e novas formas de aquisição de conhecimento, devendo ser estudado no contexto da cultura contemporânea. Trata-se, sem dúvida, de uma maneira muito sofisticada de pensar esse aparato que nos “costura” enquanto sociedade e que se presta às nossas formas de expressão... É isso que significa pensar as tecnologias metodologicamente? Essa perspectiva que te orienta tem sido adotada também pelos atuais estudos de mídia e educação?

PROFESSORA MILENA HYGINO – Exatamente! Pensar as tecnologias metodologicamente é, acima de tudo, pensar no seu contexto de uso e nos sujeitos, de forma crítica, reflexiva, indo além da mera aplicação delas. A meu ver, os estudos de mídia e educação têm caminhado por essa perspectiva, rompendo, ao longo do tempo, com a perspectiva instrumentalista, ainda existente, mas defasada.

MULTIDISCIPLINAR – Na prática, como seria possível sistematizar essa visão e compreensão das novas tecnologias tanto entre professores quanto entre alunos, tendo em vista diferenças geracionais e a estrutura das escolas?

PROFESSORA MILENA HYGINO – Temos realidades muito discrepantes, influenciadas, principalmente, por aspectos socioeconômicos, que se superpõem, inclusive, às diferenças geracionais. Como exemplo, Prensky reviu o seu conceito de nativos e imigrantes digitais, propondo uma visão mais macro, considerando a sabedoria digital dos sujeitos. É preciso pensar cada realidade, individualmente: Qual é o contexto? Quem são os sujeitos? Qual é o objetivo? Que recursos existem? Só assim o uso da tecnologia torna-se viável na escola e aceitável tanto entre professores quanto entre alunos.

MULTIDISCIPLINAR – As atividades extensionistas universitárias poderiam colaborar com a mudança no atual cenário?

PROFESSORA MILENA HYGINO – Poderiam, não; colaboram! Eu tenho um exemplo: há quase 10 anos, participo (ora como bolsista, ora como voluntária) de um projeto de extensão da UENF voltado aos professores da rede pública da educação básica, cujo objetivo é promover formação (teórica e prática) para uso de tecnologias em sala de aula. Os resultados que alcançamos com esse projeto são maravilhosos e muito animadores! A meu ver, as atividades extensionistas são muito importantes. Cumprem um papel crucial na sociedade. Mas, de fato, elas, sozinhas, não dão conta de tudo e, infelizmente, acabam sendo usadas como recursos paliativos para problemas graves, que exigem políticas públicas, mudanças na formação inicial de cursos etc.

MULTIDISCIPLINAR – Desde sua pesquisa de doutorado, percebe-se uma preocupação com o reposicionamento do sujeito, antes apenas receptor e consumidor de conteúdo, e agora pensado como alguém que pode prover e atuar conjuntamente em sua organização e provimento. No que se refere à educação, você acredita que esse reposicionamento possa ocorrer também, no caso, envolvendo os membros da comunidade escolar em suas rotinas?

PROFESSORA MILENA HYGINO – Com certeza! Algumas teorias pedagógicas e metodologias repensam os papéis do professor e do aluno no processo de ensino-aprendizagem e isso, a meu ver, é um avanço. De forma macro, isso também interfere na participação dos outros membros da comunidade escolar e eu vejo isso com bons olhos. Como disse anteriormente, em outras respostas: é preciso pensar a realidade e, a partir dela, ver o que cabe, o que é possível ser feito, reformulado, adaptado. Não é mudar por mudar. É preciso haver um objetivo maior, levar em consideração as necessidades dos sujeitos, o contexto social etc.

MULTIDISCIPLINAR – A BNCC privilegia as diversas áreas do saber e “as suas tecnologias”, mas uma crítica que pesa sobre o documento é a falta de especificidade da aplicação daquilo que se propõe, o que parece indicar a necessidade de

inventividade por parte do professor e, ao mesmo tempo, uma reinvenção/adequação das próprias competências. É por aí?

PROFESSORA MILENA HYGINO – É preciso deixar claro que a BNCC é um documento norteador para o professor, e não um currículo. Então, de fato, o professor tem que, a partir da realidade da sua escola e do seu aluno, pensar em como trabalhar as competências e habilidades propostas. A grande questão é que o professor não foi/é preparado para tal, na sua formação inicial. Concordo também com os que dizem que a resolução de 2019, que adapta a formação em habilidades e competências, está distante da formação tecnológica dos docentes e do “chão da escola”. Para tanto, devem ser levadas em consideração muitas outras etapas que envolvem competências do professor e do aluno. Apesar de todas as falhas (inclusive de reducionismo dos conteúdos), quanto à tecnologia, a meu ver, a BNCC é o documento que tem a abordagem mais atualizada, dentre os documentos norteadores que já tivemos.

MULTIDISCIPLINAR – O que o professor pode fazer para se qualificar para o uso das novas tecnologias e onde buscar essa qualificação hoje, principalmente em nossa região?

PROFESSORA MILENA HYGINO – As tecnologias se atualizam muito rapidamente. Isso nos exige estudo constante. Para algo mais aprofundado, eu sugiro cursos de pós (*lato* ou *stricto sensu*). Na nossa região, temos a pós-*lato sensu* (nível de especialização) em Docência do século XXI, no IFF; o mestrado profissional em Ensino e suas Tecnologias, no IFF; o mestrado e o doutorado em Cognição e Linguagem, na UENF, interdisciplinar, que tem a linha de pesquisa Educação, Comunicação e Novas Tecnologias de Informação. Mas sabemos que nem todos têm disponibilidade de tempo ou são impedidos por outras questões. Então, eu sugiro, mesmo que aos pouquinhos, leitura (de sites especializados, de artigos, de livros), participação em eventos acadêmicos (seminários, colóquios, congressos etc.) e em cursos (de extensão, de difusão, de curta duração etc.). Uma maneira rápida de ser informado sobre eventos e cursos é seguir as redes sociais de universidades pelas quais se tem interesse.

MULTIDISCIPLINAR – Em sua opinião, em que estamos acertando e em que estamos errando no ensino remoto ao qual fomos levados por conta da pandemia?

PROFESSORA MILENA HYGINO – De forma geral, estamos acertando se levamos em consideração, fundamentalmente, as condições de acesso dos alunos e dos professores e se estamos dando oportunidade de participação a todos (e isso inclui internet, dispositivo e conhecimento sobre aplicativo/plataforma). Estamos acertando, também, se estamos respeitando limites físicos e emocionais/psicológicos de alunos e professores, nunca nos esquecendo que estamos em um momento atípico. Por outro lado, estamos errando no uso de nomenclaturas e na dinâmica de aulas para tentar definir uma modalidade de ensino que não pode ser rígida e que não deve simplesmente transpor os meios (do físico ao virtual), no momento que vivemos, piorando as condições psicológicas de professores e alunos. Estamos errando, também, na preparação de professores e alunos e no planejamento pedagógico.

MULTIDISCIPLINAR – Como pais, estudantes de todos os níveis e instituições de ensino devem se preparar para a retomada das aulas presenciais?

PROFESSORA MILENA HYGINO – A minha opinião, como professora, é que todos os sujeitos da comunidade escolar precisam atuar de forma colaborativa, para que possamos retomar, aos poucos, as aulas presenciais. Além de todas as medidas sanitárias, precisam de atenção o psicológico e o emocional desses sujeitos, e o planejamento pedagógico muito bem estruturado, priorizando metodologias mais ativas de aprendizagem e que permitam personalização do ensino. Porque, no remoto (ou outra “modalidade” à distância), cada aluno estudou e desenvolveu competências e habilidades como foi possível, com as condições e o apoio que teve, de forma ainda mais evidente (mas não exclusiva desse meio, porque, no presencial, também ocorre assim, é importante frisar). Na volta presencial, é essencial oportunizar o desenvolvimento desses diferentes níveis de competências e habilidades numa mesma turma, para que nenhum aluno se sinta excluído ou desmotivado. Para isso, as tecnologias serão importantes aliadas e, a meu ver, esse é um caminho sem volta.